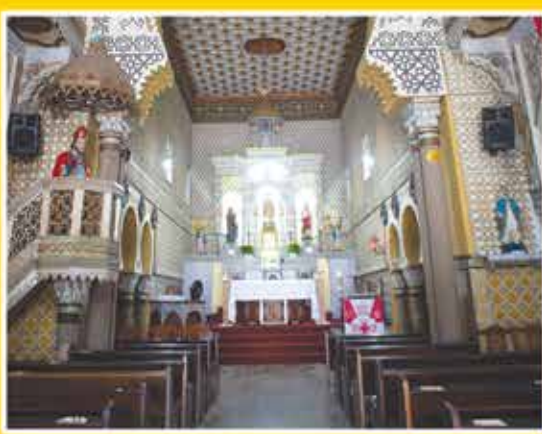




Conhecida pelo espírito inquieto e avesso ao marasmo, Rádio Metropole muda o comando de parte dos principais programas, em um processo para valorizar, cada vez mais, as pratas da casa e se adaptar aos novos tempos; saiba como fica a programação da emissora a partir desta quinta-feira. Págs. 2 e 3



Do 2 de julho a Padre Pinto: entenda a importância do tombamento da Igreja da Lapinha. Págs. 6 e 7



Após um ano, lei que restringe celular nas escolas gera avanços positivos entre alunos. Págs. 8 e 9



Filé do Streaming traz como destaques Devoradores de Estrelas e Robô Selvagem. Pág. 11

De volta para o futuro

Conhecida pela capacidade de se reinventar e pelo espírito avesso ao comodismo, Rádio Metropole anuncia mudanças na programação para valorizar ainda mais as pratas da casa

Texto **Duda Matos**

redacao@radiometropole.com.br

Quem ouve rádio todos os dias sabe. Há hábitos que acabam virando rotina. Tem quem acorde com uma voz específica, quem se organize pelo horário dos programas e quem já saiba, de cor, qual comentarista vai entrar depois do intervalo. Poucas emissoras conhecem tão bem essa relação quanto a Rádio Metropole. Por isso mesmo que ela é capaz de mudar sem medo e de se virar do avesso, como faz a partir desta quinta-feira (9).

E é justamente com esse sentimento que a Radinha anuncia um novo capítulo, com a reformulação da grade de programação, que redistribui vozes já conhecidas pelo público e forma novos encontros ao longo do dia. Sem abrir mão, claro, da irreverência que marca a sua história construída ao longo de mais de três décadas, desde os tempos em que ainda era a Rádio Cidade.

NOVAS ERAS

Para quem acompanha a programação da Metropole há anos, a principal mudança tem nome, sobrenome e um horário diferente no relógio. Fundador da rádio e uma das vozes mais marcantes da comunicação baiana, Mário Kertész deixa os programas da manhã para assumir um novo desafio: comandar o Jornal da Cidade, transmitido e exibido de se-



gunda à sexta, sempre das 17h às 19h.

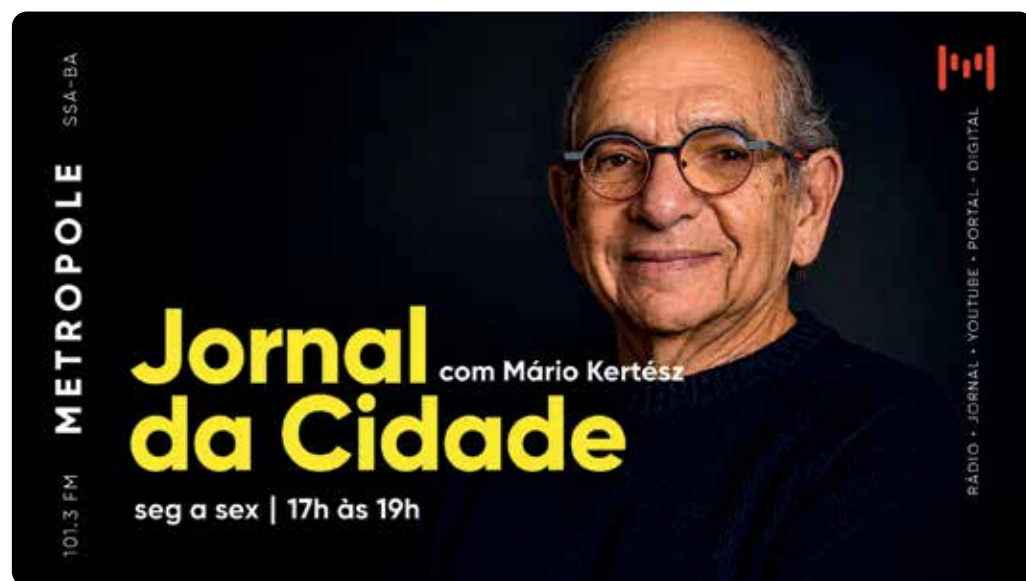
Após mais de três décadas abrindo as manhãs da Metropole, MK passa a encontrar os ouvintes em outro momento da jornada: a volta para casa. “Com a mesma vontade, o mesmo empenho que me trouxe até este lugar há 32 anos”, afirmou, ao anunciar a mudança ao vivo. Aos 82 anos de vida, Mário Kertész diz viver essa nova fase com o entusiasmo de sempre. “Eu me sinto muito alegre, energizado por mudar. Nós temos que acompanhar os tempos”, destaca o apresentador, conhecido pelo temperamento inquieto e pela aversão patológica ao marasmo.

TROCA DE GUARDA

A mudança também marca uma passagem de bastão. O Jornal da Bahia no Ar, das 8h às 10h, passa a ser comandado por Casemiro Neto. Com uma bagagem de mais de quatro décadas de jornalismo na Bahia e um carisma tão grande quanto o tempo de batente, o comunicador assumiu o Jornal da Cidade no último ano e agora não esconde o peso simbólico de ocupar uma faixa historicamente associada à voz de MK.

“É um desafio grande, porque estou assumindo a função que era exercida até então pelo maior âncora do rádio baiano, com repercussão nacional, que é Mário Kertész. Eu me sinto preparado e continuo me preparando. Vou manter o meu ritmo. O meu jeito de me comunicar com o público continuará o mesmo”, ressalta Casemiro.

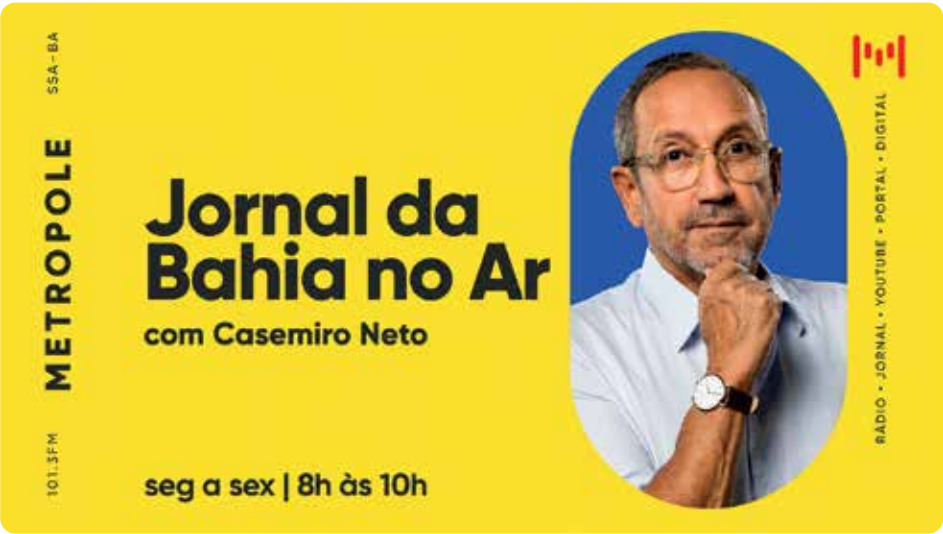
Segundo o apresentador, a Metropole conversa com seu jeito de pensar. “Já recebi convites para trabalhar em outras rádios, mas talvez não me sentisse tão à vontade quanto me sinto aqui. A Metropole tem uma identidade muito própria, e ela conversa com a minha forma de enxergar o jornalismo, tanto do ponto de vista cultural quanto ideológico”, completa.



Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor-Chefe **Jairo Costa Jr.**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Daniela Gonzalez, Duda Matos, Izabela Prazeres, Laís Gama, Victor Quirino e Vitor Bahia**
Revisão **Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br
Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambués - CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



Uma rádio em constante mutação

Para Mário Kertész, a mudança não representa uma ruptura, mas uma continuidade da própria história da rádio. “A Rádio Metropole, ao longo dos seus muitos anos de radialismo, primeiro como Rádio Cidade, depois como Metropole, passa por modificações que nos levam sempre a avançar, abrir espaços para jovens, para pessoas competentes”, afirma.

“Nós também vamos mudando, dando oportunidades cada vez maiores a pessoas que tragam as suas visões para vocês, para debate, para a conversa, sempre com irreverência, sempre com honestidade e sempre com alegria. Essa é realmente a cara da Metropole”, completa.

COMO FICA A PROGRAMAÇÃO

A reorganização abrange grande parte da programação com nomes já conhecidos pelos ouvintes. Às 6h, Kamille Martinho segue no comando do Seis em Ponto. Às 7h, os ouvintes encontram com outra novidade: o Bom Dia na Metropole, apresentado por Nardele Gomes. Das 8h às 10h, Casemiro Neto assume o Jornal Bahia no Ar. Às 10h, segue no ar o Metropole Turismo com Lara Kertész. Depois, às 11h, James Martins continua à frente do Bem na Hora.

Ao meio-dia, o encontro tradicional permanece onde sempre esteve. Mário Kertész, Nardele Gomes e Jairo Costa Júnior, editor-chefe do Grupo Metropole, continuam dividindo a bancada do Jornal da Metropole no Ar, preservando um espaço que também se tornou marca registrada, com exceção das quartas-feiras, quando dá espaço ao programa Três Pon-

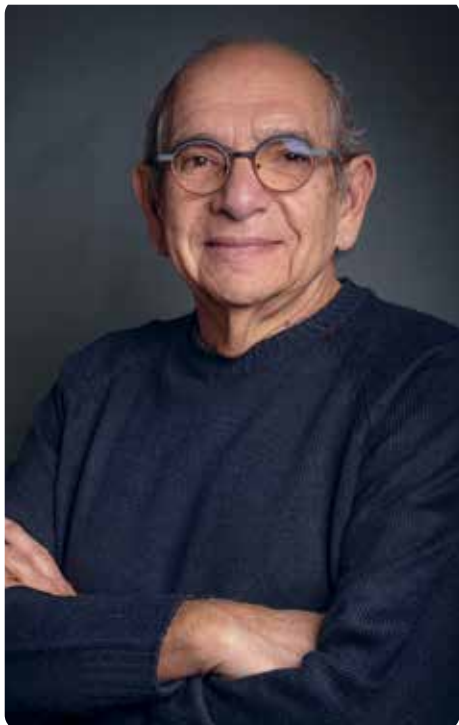


tos, com Janio de Freitas, Bob Fernandes, Sérgio Augusto e MK.

Na parte da tarde, a programação começa com Fernando Guerreiro, Zeca e Waldir seguem no comando do Revele às 13h. Em seguida, às 14h, José Medrado continua à frente do Sintonia. Às 15h, Silvana Freire assume o Metropole Mais e, na sequência, também apresenta o Metropole Saúde, às 16h. O Jornal da Cidade fica por conta de Mário Kertész, das 17h às 19h. Às quintas-feiras, Cristiele França, segue com o Mojubá das 19h às 20h.

Ao longo da sua existência, a Radinha só não mudou de endereço. Incorporou novas plataformas, acompanhou transformações, virou canal no Youtube e viu o jeito de consumir notícia se reinventar, enquanto também se reinventava. Mas manteve o que a tornou reconhecida: jornalismo irreverente, com sotaque e picardia, que conversa com o ouvinte todos os dias. E a Metropole continua na mesma levada. Afinal, algumas companhias apenas nos reencontram em horários diferentes.





A Ketubá que virou uma carta

Mário Kertész

Radialista, apresentador, ex-prefeito e agora escritor

Há histórias de família que sobrevivem em fotografias. Outras, em joias ou certidões. A da minha avó Rachel Aferiati sobreviveu numa carta.

Rachel Aferiati, depois Mellul e, mais tarde, Mello, era filha de Yehuda Aferiati, judeu sefardita oriundo de Mogador, no Marrocos. Casou-se em janeiro de 1890 com meu avô Salomão Mellul, que anos mais tarde abrigaria o sobrenome para Mello. Ela ainda não havia completado 13 anos.

Entre os judeus, o documento que consagra o casamento é a Ketubá, o contrato matrimonial religioso que estabelece os direitos e deveres do casal. É um documento sagrado para a família. Por razões que nunca soube, minha avó perdeu a sua Ketubá. Mas encontrou uma forma singular de substituí-la.

Guardou até morrer uma carta escrita por meu avô ao pai dele, Shalom Mellul, em Tânger, comunicando o casamento. Sempre que mostrava aquele papel amarelado dizia, sorrindo: “Esta é a Ketubá dele”.

A carta, datada de 26 de janeiro de 1890, foi escrita em São Sebastião da Boa Vista, na Ilha de Marajó, apenas treze dias depois da cerimônia. É, ao mesmo tempo, um documento histórico da imigração judaico-sefardita para a Amazônia e uma delicada declaração de amor.

No final do século XIX, milhares de judeus sefarditas deixaram cidades marroquinas, especialmente Mogador e Tânger, atraídos pelo extraordinário desenvolvimento econômico provocado pelo ciclo da borracha. Muitos instalaram-se no Pará e no Amazonas, abrindo casas comerciais, navegando pelos rios da região e construindo uma vida nova numa terra completamente diferente daquela que haviam deixado. Meu avô foi um deles.

Chegou muito jovem ao Brasil. O comércio prosperou, e ele se transformou num importante produtor de borracha, chegando a possuir uma grande propriedade no município de Boca do Acre. Foi ali

que, alguns anos mais tarde, nasceu minha mãe, Violeta.

A carta, porém, volta ainda ao começo dessa história. Nela, Salomão comunica ao pai que havia se casado com Rachel Aferiati e pede compreensão por não ter solicitado previamente sua autorização. Explica que tudo aconteceu de maneira absolutamente inesperada.

Ele viajara ao Pará apenas para resolver negócios. Não tinha noiva, nem namoro, nem qualquer projeto de casamento. Conta, inclusive, que brincava com os amigos dizendo que iria casar em janeiro, embora não tivesse a menor intenção de fazê-lo. Depois conclui que tudo “já estava destinado do Céu”.

Chegou ao Pará no dia 7 de janeiro. Resolveu seus assuntos comerciais e, de maneira imprevista, pediu a mão da jovem Rachel. Ela aceitou. Em apenas seis dias providenciou o enxoval, organizou a cerimônia e, às três e meia da tarde do dia 13 de janeiro de 1890, estavam casados. Três dias depois, já regressava para casa.

A rapidez impressiona ainda hoje. Mais impressionante, entretanto, é a delicadeza com que descreve a esposa.

Escreve que bendizia a Deus pela viagem que o levava ao Pará, porque ela lhe permitira unir seu destino “ao anjo que muito adoro”. Diz que Rachel possuía “um coração bondoso, cheio de ternura”, capaz de aliviar a solidão de quem vivia distante da família e da terra onde nascera.

É uma carta simples, sem pretensões literárias, mas de uma sinceridade comovente.

Ela registra também pequenos conflitos familiares. Salomão lamenta que alguns parentes de sua madrastra não tenham comparecido ao casamento, apesar de convidados. Um deles, Pinjas, alegou possuir “razões muito poderosas”. Meu avô confessa não compreender essas razões e atribui a ausência ao egoísmo.

Mudam-se os séculos; as famílias continuam extraordinariamente parecidas. A vida também não perdeu tempo. Ainda

naquele mesmo ano de 1890, em dezembro, nasceu o primeiro filho do casal, Solon Mello. Meu tio querido, compositor, violonista admirável e exímio tocador de bandolim, foi o irmão mais velho de minha mãe, Violeta. Os dois conservaram por toda a vida uma ligação de enorme carinho, cumplicidade e admiração.

Anos depois, a prosperidade da borracha desapareceu. Como tantas outras famílias que haviam apostado naquele ciclo econômico, meus avós precisaram recomeçar. Vieram ao Maranhão, depois o Ceará, Juazeiro, na Bahia, e finalmente Salvador, onde meu avô morreu e onde nossa família criou raízes definitivas.

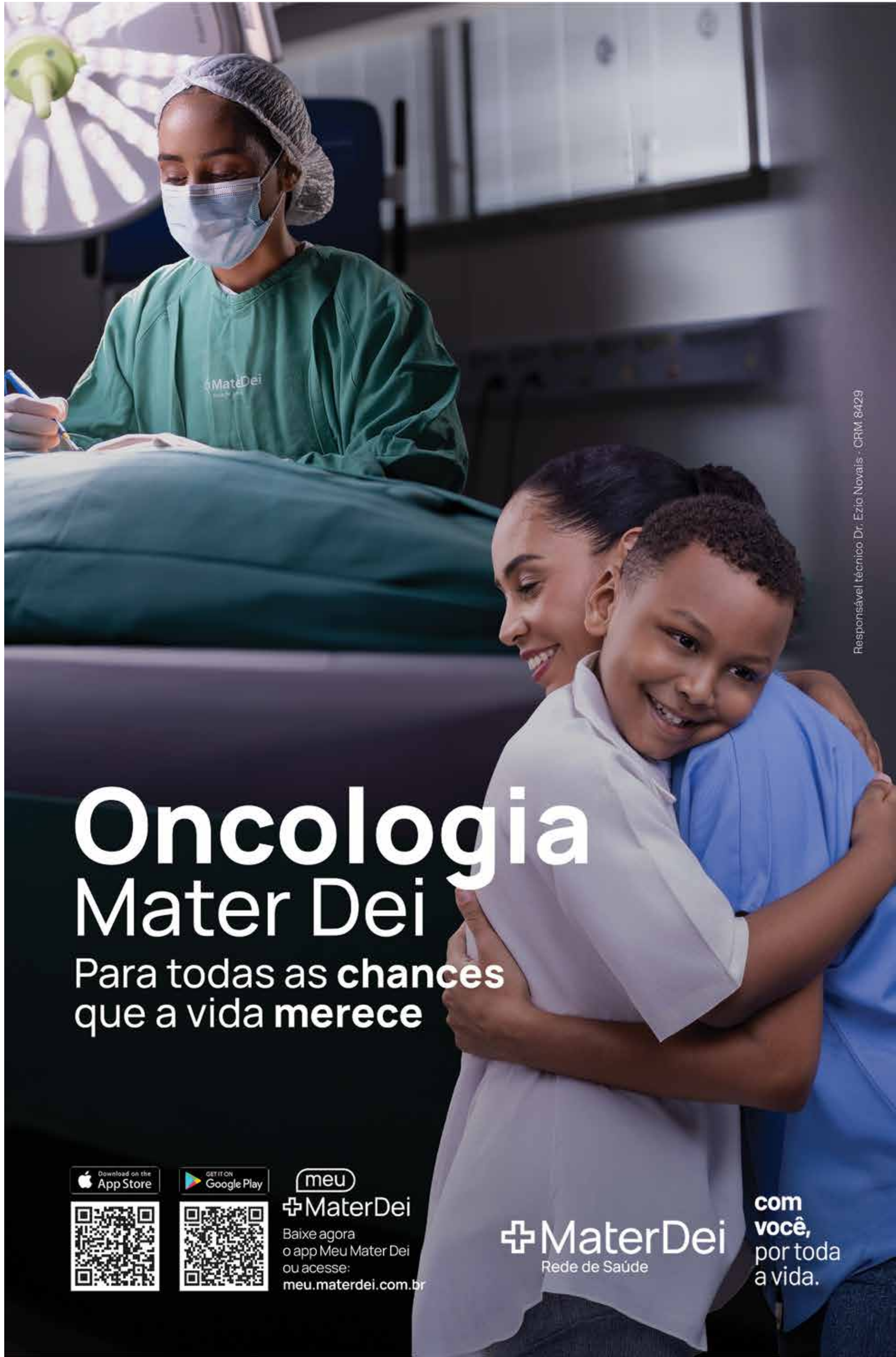
Ao longo dessas mudanças, perderam-se muitas coisas. Casas ficaram para trás. Negócios desapareceram. Documentos sumiram. A própria Ketubá se perdeu. Mas aquela carta atravessou tudo.

Acompanhou viagens de navio, mudanças de cidade, dificuldades econômicas e o nascimento de novas gerações. Sobreviveu por mais de um século porque minha avó jamais a tratou como um simples pedaço de papel. Era a memória viva do dia em que começou sua família. Enquanto os cartórios registram fatos, aquela carta registrava um sentimento.

Por isso, sempre que alguém perguntava pela Ketubá, Rachel Aferiati respondia sem a menor dúvida: “Eu perdi a minha. Mas guardei a dele”.

E talvez tivesse razão. Afinal, poucos documentos conseguem contar, ao mesmo tempo, a história de um casamento, da imigração dos judeus sefarditas para a Amazônia, do ciclo da borracha e do nascimento de uma família que, tantas décadas depois, continua encontrando sua identidade nas palavras escritas por um jovem apaixonado ao pai distante, do outro lado do Atlântico.

PS: o original dessa carta está nas mãos do meu irmão Carlos, devidamente recuperado.



Responsável técnico Dr. Ezio Novais - CRM 8429

Oncologia Mater Dei

Para todas as chances
que a vida merece

Download on the
App Store



GET IT ON
Google Play



meu
+MaterDei
Baixe agora
o app Meu Mater Dei
ou acesse:
meu.materdei.com.br

+MaterDei
Rede de Saúde

**com
você,
por toda
a vida.**

Proteção para um símbolo da cidade

Patrimônio que une religião, cultura e luta pela Independência do Brasil na Bahia, Igreja da Lapinha caminha para o tombamento após mais de 250 anos de história

Fotos **Izabela Prazeres**

Texto **Laisa Gama**

redacao@radiometropole.com.br

Muito antes de o cortejo do 2 de Julho tomar as ruas de Salvador, é na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Lapinha que começam as celebrações pela Independência do Brasil na Bahia. Há 255 anos, o templo acompanha a história da capital e reúne elementos que vão além da religiosidade: abriga tradições populares, preserva uma arquitetura única no país e está ligado a um dos principais marcos da formação da identidade baiana. Agora, esse conjunto de pode garantir à igreja um novo reconhecimento, após a Fundação Gregório de Mattos (FGM) dar início ao processo de tombamento municipal do monumento.

A origem da igreja remonta a 1771, quando foi construída uma pequena capela que, ao longo dos anos, deu lugar ao templo atual. Em 2 de julho de 1823, o local testemunhou a passagem do Exército Libertador durante a consolidação da Independência na Bahia. Desde então, o Largo da Lapinha tornou-se ponto de partida das comemorações da maior data cívica do estado. Ao lado da igreja, o Pavilhão do 2 de Julho guarda as imagens do Caboclo e da Cabocla, símbolos da participação popular nas lutas para livrar o país da Coroa Portuguesa.

À primeira vista, a fachada não revela o que o visitante encontra ao entrar. Entre 1925 e 1930, o frei e arquiteto Leão Uchoa remodelou o templo ao incorporar mosaicos vindos da Espanha, arabescos mouros e inscrições em árabe, entre elas a frase “Esta é a casa de Deus, este é o portão do céu”. O resultado fez da Lapinha a única igreja em estilo mourisco do Brasil.

A abertura do processo de tombamento se deu por uma série de fatores ligados à importância arquitetônica, histórica, cultural e religiosa da Igreja da Lapinha. Segundo o diretor de Patrimônio e Equipamentos Culturais da fundação, Vagner Rocha, durante as pesquisas preliminares, a equipe identificou outra característica curiosa: o templo está voltado para Meca, cidade sagrada para os muçulmanos. Trata-se de mais um detalhe importante nesse processo.



Prazo para tombamento da igreja

A abertura do processo foi publicada no Diário Oficial do Município e marca o início dos estudos que vão avaliar formalmente a relevância histórica, arquitetônica, religiosa, paisagística e cultural do imóvel. Desde a publicação da notificação, a Igreja da Lapinha já está sob regime de tombamento pro-

visório, que garante proteção legal até a conclusão dos trabalhos prévios e a elaboração do dossiê técnico.

Embora o presidente da FGM, Fernando Guerreiro, tenha afirmado durante as comemorações do 2 de Julho deste ano que o tombamento poderia ser concluído em até quatro meses, o diretor

de Patrimônio e Equipamentos Culturais da fundação esclareceu ao Jornal Metropole que o prazo legal é de até 18 meses, podendo ser prorrogado por igual período. A expectativa, segundo ele, é concluir o processo em uma data simbólica para o templo, como as celebrações do 2 de Julho ou a Festa de Reis.



Padre Pinto, o guardião da Festa de Reis

Preservar a Igreja da Lapinha também é proteger um patrimônio que vai além da arquitetura. Todos os anos, no início de janeiro, o templo e seu entorno recebem a tradicional Festa de Reis, manifestação que reúne religiosidade, música e cultura popular.

Os Ternos de Reis percorrem as ruas do bairro em cortejo e mantêm viva a tradição centenária que abre o calendário dos festejos populares e religiosos em Salvador. O Terno da Anunciação, ligado à paróquia, é dos principais símbolos dessa celebração.

E grande parte dessa valorização da cultura popular está ligada ao legado do padre José de Souza Pinto, o célebre Padre Pinto, que faleceu em 2019. À frente da Igreja da Lapinha de 1973 a 2006, ele foi responsável por transformar a Festa de Reis em um dos maiores símbolos culturais da cidade.

Bailarino de formação clássica e artista plástico, Padre Pinto integrou os Ternos de Reis à programação religiosa da paróquia e valorizou uma manifestação que antes acontecia de forma independente. Também idealizou o estandarte do Terno da Anunciação e o monumento em

homenagem aos Ternos de Reis instalado no Largo da Lapinha, além de incorporar às celebrações elementos das culturas afro-brasileira, indígena e popular, para representar a diversidade que marca a formação do povo baiano.



POLÊMICAS EM SÉRIE

Mas sua atuação acabou provocando reações dentro da própria Igreja Católica. Em 2006, Padre Pinto virou polêmica nacional ao celebrar uma missa durante a Festa de Reis vestido com trajes inspirados em Oxum e em um indígena. A celebração levou ao seu afastamento da paróquia após 33 anos de atuação.

Em entrevistas concedidas após o caso, o religioso afirmou que sua intenção era promover a chamada “inculturação”, conceito que busca aproximar a liturgia das expressões culturais dos povos. Uma vez afastado, Padre Pinto participou de programas televisivos, foi entrevistado no Programa do Jô e “saiu do armário”.

Deu selinho em Caetano Veloso, chegou a frequentar boates gays, provocou nova polêmica ao afirmar que se tornaria pai-de-santo e acabou reintegrado à Igreja Católica, passando a residir na sede da Sociedade das Divinas Vocações, no bairro de São Caetano, até morrer, em 4 de abril de 2019, aos 72 anos.

Admirável mundo novo

Texto **Daniela Gonzalez**
daniela.gonzalez@metro1.com.br

Até pouco tempo, bastava o sinal do recreio tocar para que centenas de telas se acendessem ao mesmo tempo. Nos corredores, nas salas de aula e até durante as conversas entre colegas, os celulares ocupavam um espaço que parecia impossível de ser retomado. Um ano depois da restrição ao uso dos aparelhos para fins não pedagógicos nas escolas brasileiras, imposta por lei federal sancionada em fevereiro de 2025 pelo presidente Lula (PT), a cena começou a mudar.

Ainda há estudantes que tentam burlar as regras, professores que precisam lembrar diariamente que o celular deve permanecer guardado e gestores que enfrentam resistência. Mas, aos poucos, o silêncio das notificações deu lugar a um barulho que parecia esquecido: o das conversas presenciais.

PRIMEIROS REFLEXOS

A mudança, que no início foi recebida com desconfiança e cercada de dúvidas sobre sua efetividade, vem sendo percebida por quem acompanha a rotina escolar. Levantamento divulgado pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) mostra que a restrição já foi implementada em 92% das escolas públicas e privadas do país. Mais do que indicar o alcance da medida, a pesquisa revela um retrato de como o ambiente escolar mudou nos últimos meses.

Entre os gestores entrevistados, 86% afirmam ter percebido redução da ansiedade entre os estudantes. Outros 88% dizem que houve diminuição de conflitos relacionados ao ambiente digital, como agressões virtuais e casos de cyberbullying. A melhora também aparece nas relações presenciais: 55% notaram redução de conflitos e agressões físicas dentro das escolas.

DIFÍCIL COMEÇO

Na avaliação do professor de Matemática Wagner Aguiar, que leciona na rede particular e no Colégio Estadual Manoel Devoto, no bairro do Rio Vermelho, em Salvador, a adaptação foi mais difícil do que parece hoje. Segundo ele, os primeiros meses foram marcados por resistência dos estudantes e sucessivos conflitos para fazer cumprir a nova regra.

“Primeiro, a questão da resistência no início da lei foi muito complexa. A gente teve vários embates com os alunos em relação ao uso. Não foi fácil no início”, relata. Segundo o professor, foi preciso recorrer à autoridade da norma para garantir o cumprimento da restrição. Com o passar do tempo, porém, o cenário começou a mudar. “O aluno já entendeu, já virou a chave que o uso do celular não é permitido mais. E eles entenderam também que os benefícios eram tão grandes”, emenda Aguiar.

ALÉM DA SALA

A transformação não ficou restrita ao período das aulas. Em muitas escolas, o recreio também mudou de cara. O intervalo, que antes era frequente-

Um ano após vigência da lei que restringe uso de celulares em escolas, educadores confirmam o que pesquisa recente do MEC já havia detectado: a vida na sala de aula e no recreio está bem melhor

mente marcado por alunos olhando para as telas, passou a ser ocupado por conversas, jogos, brincadeiras e outras formas de interação. Não por acaso, 59% das instituições afirmam ter investido em atividades coletivas para estimular esse contato presencial e fortalecer as relações entre os estudantes.

Wagner Aguiar afirma que essa mudança é perceptível no cotidiano da escola. Segundo ele, os estudantes passaram a conversar mais entre si, a conhecer melhor os colegas e a redescobrir atividades que haviam perdido espaço para as telas.

“Eles estão dialogando mais, conhecendo mais um ao outro”, afirma. O professor também observa que os alunos passaram a buscar mais brincadeiras e esportes. Para ele, essa mudança contribuiu para fortalecer as relações entre os estudantes e reduzir episódios de bullying.

Na sala de aula, ele diz que a diferença também é evidente. “Os alunos estão se concentrando. Entrando bem mais na aula agora”, ressalta. A percepção do professor acompanha os resultados da pesquisa nacional, que também apontam redução de conflitos e de episódios de cyberbullying após a implementação da medida.



RADIOGRAFIA DAS ESCOLAS APÓS A PROIBIÇÃO DE CELULARES

Dados revelam alcance e melhorias geradas pela lei



FONTE: MEC E INEP

Apesar dos avanços, desafios permanecem

A adaptação, no entanto, não aconteceu sem desafios. Convencer adolescentes acostumados a permanecer conectados praticamente o tempo todo continua sendo um dos maiores obstáculos enfrentados pelas escolas. Quase quatro em cada dez gestores de escolas (39%) afirmam que conquistar a adesão dos estudantes às novas regras ainda é difícil.

O mesmo percentual aponta outro problema pouco discutido quando a medida entrou em vigor: a falta de infraestrutura para armazenar os aparelhos com segurança durante o período das aulas. Além disso, 31% dos entrevistados relatam dificuldades para manter a fiscalização contínua durante as aulas e os intervalos.

Cada escola encontrou uma solução própria. Na maioria delas, os celulares permanecem guardados nas mochilas dos estudantes durante todo o período de aulas, modelo adotado por 62% das instituições. Outras 33% recolhem os aparelhos na secretaria ou na recepção antes do início das aulas. Há ainda escolas que permitem que o celular permaneça em posse direta do estudante (21%), desde que não seja utilizado.

Outros 15% utilizam caixas ou armários coletivos dentro das salas de aula, enquanto 10% contam com armários ou escaninhos individuais e 8% optam por caixas ou armários coletivos instalados em corredores ou pátios.

CIDADE

METROPOLE



Escolas públicas enfrentam obstáculos

Apesar de avaliar a iniciativa de forma positiva, o professor Wagner Aguiar faz uma ressalva sobre a realidade da rede pública. Segundo ele, nem todas as escolas dispõem de tablets, computadores ou laboratórios de informática acessíveis a todos os professores, o que pode limitar atividades pedagógicas que dependem de recursos tecnológicos.

“Às vezes, eu, como professor de Matemática, quero usar alguns softwares. E eu não posso usar, porque o aluno não pode usar o celular na sala e também sem o tablet, eles não têm, às vezes, computadores. E, às vezes, a sala de informática também não está disponível para todos os professores”, explica. Para

ele, esse é um ponto que ainda precisa ser aperfeiçoado, principalmente quando o celular poderia ser utilizado como ferramenta pedagógica.

Essa percepção também é compartilhada pelo professor de Informática Augusto Dias. Para ele, a realidade da escola pública ainda impõe desafios ao uso da tecnologia como ferramenta pedagógica. “A proibição dos celulares foi muito positiva. Faz muito bem aos alunos e aos professores. Mas, em termos de tecnologia, acredito que deveria haver uma melhoria nas escolas públicas, com a oferta de mais tablets. Esse é um dos maiores desafios quando se trata de tecnologia”, afirma.

acervo pessoal



Professor de Matemática, Wagner Aguiar cita diferenças da rede pública e privada



Quem foi o vilão da queda do Brasil?

A derrota e consequente eliminação da Seleção da Copa do Mundo 2026 não foi por um detalhe, mas por erros em série que custaram a classificação para as quartas de final

Texto **Vitor Bahia**

redacao@radiometropole.com.br

Desde 2002, a cada quatro anos, o torcedor já espera pelo dia em que o Brasil será eliminado da Copa do Mundo. Pela terceira vez consecutiva, a Seleção caiu para uma equipe europeia emergente. Primeiro foi a Bélgica, em 2018; depois a Croácia, em 2022; e agora a Noruega. Isso mesmo apontado como favorito em todos os confrontos. Esta foi a pior campanha em Mundiais desde 1990, quando também caiu nas oitavas de final. Dentre tantos erros que resultaram na queda, a questão é: de quem é a culpa?

Os mais fáceis de vilanizar são Bruno Guimarães e Endrick, pois um perdeu pênalti e o outro perdeu a chance que tanto esperava para fazer jus ao apelo popular por sua titularidade. Mas a verdade é que, mesmo com tais oportunidades perdidas, o jogo ainda estava zero a zero. O pior veio depois, no apagão defensivo do Brasil que provocou os dois gols de Haaland.

É muito difícil justificar Vini Júnior e Endrick não pressionarem a saída de bola norueguesa, enquanto a Seleção perdia. Os jogadores não pareciam estar diante da eliminação, mas sim em um amistoso qualquer. Pareciam apáticos e conformados com o resultado. Mesmo atrás no placar, o

Brasil seguiu recuado para não se expor e tomar mais gols. O que é reflexo de um time em que o medo de perder foi maior que a vontade de vencer, dos jogadores ao técnico.

As péssimas intervenções de Carlo Ancelotti também foram responsáveis por condenar a Seleção. As entradas de Neymar e Danilo Baiano mudaram novamente o estilo de jogo da equipe, saindo da transição rápida para um time de construção lenta. As mudanças ainda foram pouco antes da parada técnica, o que deu

oportunidade para a Noruega se adaptar ao novo modelo de jogo do Brasil.

Ancelotti morreu abraçado com seus “homens de confiança”, aos quais se recusou a abrir mão: Casemiro e Danilo, ambos duramente criticados. O treinador insistiu em erros claros que o campo já os indicava há tempos. Apesar de tudo, é impossível eleger só um responsável pela derrota, visto que essa eliminação começou antes da competição iniciar, com muitas trocas de técnico, politicagem na CBF e ciclo instável.

Craques sem Copa

Neymar encerrou sua história na Seleção Brasileira e se juntou a Zico, Johan Cruyff e Puskás como um dos grandes craques que não venceram a Copa do Mundo. Durante sua trajetória no torneio, foi o terceiro maior artilheiro da história do Brasil, com nove gols, atrás somente de Pelé e Ronaldo Fenômeno. Sua carreira em Copas é marcada por lesões, já que em todas as edições que participou, teve problemas físicos que o impediram de jogar.

CR7 frustrado

Cristiano Ronaldo é outro grande nome que dá adeus às Copas do Mundo. Com três gols nesta edição, a seleção portuguesa liderada por CR7 não foi capaz de derrotar a Espanha, mas o craque fez sua segunda participação com maior número de gols em Copas, perdendo apenas para 2018, quando balançou as redes quatro vezes. Mesmo estando entre os dez jogadores com mais gols na história da competição, CR7 nunca conseguiu uma performance durante mundiais que fizesse jus a seu tamanho no esporte.



Filé do Streaming

Toda semana, uma rodada de séries e filmes pra você fugir da rolagem infinita nos streamings. Não garantimos ausência de spoiler, mas prometemos assistir antes pra você não precisar se arrepender depois

Texto **Victor Quirino**
victor.quirino@radiometropole.com.br

O espaço sempre foi palco de grandes aventuras, mas poucas conseguem emocionar e divertir tanto quanto esta. Disponível no Prime Video, após conquistar um sucesso de bilheteria nos cinemas, Devoradores de Estrelas acompanha um professor de ciências que desperta sozinho em uma nave, sem qualquer lembrança de como chegou até ali. Protagonizado por Ryan Gosling (Diário de uma Paixão) e Sandra Hüller (Anatomia de uma Queda), o filme utiliza a ficção científica para construir uma aventura movida pela amizade inesperada com um extraterrestre.

O caminho dos cinemas para o streaming também marca a chegada de uma das animações mais elogiadas de 2024. Novato na Netflix, Robô Selvagem acompanha uma robô que, após o naufrágio, precisa se adaptar à vida em uma ilha deserta e encontra um novo propósito ao cuidar de um filhote de ganso. Dirigido por Chris Sanders

(Lilo & Stitch e Como Treinar o Seu Dragão), o filme é capaz de emocionar toda a família ao abordar temas como pertencimento e maternidade.

Ainda no catálogo da Netflix, a famosa família Holmes ganha mais um capítulo de mistério. Enola Holmes 3 marca o encerramento da franquia estrelada por Millie Bobby Brown (Stranger Things), que acompanha a irmã mais nova do mítico detetive britânico Sherlock Holmes. Com participações de Henry Cavill (O Homem de Aço) e Helena Bonham Carter (Harry Potter), o filme investe no romance para concluir a trajetória da protagonista com uma despedida leve.

E por falar em continuações, Silo está de volta à Apple TV para sua terceira temporada. A série acompanha uma comunidade que vive em um gigantesco abrigo subterrâneo, onde qualquer tentativa de descobrir a verdade sobre o mundo exterior pode ser fatal. Protagonizada por Rebecca Ferguson (Duna) e baseada na trilogia de livros do autor americano Hugh Howey, a produção faz do mistério seu maior trunfo.

Baú de Relíquias

A Hora da Estrela Lançado em 1985 e inspirado no clássico homônimo de Clarice Lispector, o filme dirigido por Suzana Amaral (Hotel Atlântico) e disponível na Tela Brasil, streaming gratuito que reúne grandes obras do audiovisual brasileiro, é um dos retratos mais sensíveis sobre solidão e invisibilidade já feitos no cinema nacional. Protagonizado por Marcélia Cartaxo (Pacarrete), o longa faz do ordinário algo extraordinário, ao conduzir o espectador pela trajetória de Macabéa, uma personagem que enfrenta a dureza da vida sem perder a capacidade de sonhar.

Laranjada

Maldição da Múmia Se até o título parece genérico, espere até ver o resto. Disponível na HBO Max, o longa desperdiça qualquer chance de criar uma identidade própria e transforma uma história sobre o monstro egípcio em mais um terror de assombração qualquer. Mas não para por aí: o filme resolve afogar tudo em litros de sangue, como se o excesso de violência pudesse chocar a ponto de esconder um roteiro sem personalidade. Depois dessa, é melhor devolver a múmia para o sarcófago.



prime video/divulgação



Enola Holmes 3
Netflix | Filme
Mistério e Romance



Robô Selvagem
Netflix | Filme, Animação
Drama e Aventura



Silo
Apple TV | Série, 3 temporadas
Ficção Científica e Suspense



Devoradores de Estrelas
Prime | Filme
Ficção Científica e Drama



LIXO TEM LUGAR CERTO. DIA E HORA TAMBÉM.

O descarte correto evita mau cheiro, sujeira e até riscos à saúde. Respeite o local, o horário e a frequência da coleta no seu bairro. É assim que Salvador fica ainda mais linda e limpa.



LIMPURB

Empresa de
Limpeza Urbana
de Salvador



SALVADOR

PREFEITURA

#pratodosverem: anúncio informativo com fundo amarelo, verde e azul, trazendo um jovem sorridente, colocando um saco de lixo preto em um contêiner azul. Em destaque, o texto "Lixo tem lugar certo. Dia e hora também". Há ícones de reciclagem e limpeza ao fundo e orientações sobre o descarte correto. Na parte inferior, logos da Limpurb e Prefeitura de Salvador, além de um site para mais informações.

Imagem gerada por inteligência artificial.